

A (des)lirização da poesia (pós)moderna

Darío Gómez Sánchez*

<https://orcid.org/0000-0002-2389-1657>

Bethania Guerra de Lemos**

<https://orcid.org/0000-0002-2389-1657>

Yury Ferrer Franco***

<https://orcid.org/0000-0002-2389-1657>

Excluída na antiguidade da “Poética” aristotélica pela sua condição não mimética, e abrangendo, na contemporaneidade, formas tão diversas como o ‘slam’ ou o poema visual, a denominada poesia lírica tem sido sempre difícil de considerar. A caracterização moderna do gênero pela expressão da subjetividade que acaba se impondo como paradigma a partir do romantismo termina por aprofundar essa dificuldade: ora porque desconsidera a particularidade de manifestações coletivas do “lírico”, ora porque deixar de lado a discussão sobre o que pode ser entendido como subjetivo. Mas é precisamente a partir dessa concepção moderna (romântica) do lírico como expressão a-histórica e universal do emocional, do íntimo e do individual que é possível identificar um processo de construção e desconstrução do gênero que denominamos (des)lirização da poesia (pós)moderna e que consistiria, em termos gerais, na configuração e protagonismo dessa subjetividade e no seu progressivo questionamento ou relativismo.

* Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. E-mail: dario.sanchez@ufpe.br.

** Universidad Complutense de Madrid. Professora e pesquisadora da UCM. E-mail: bethguer@ucm.es.

*** Universidad Distrital de Bogotá. Professor e Pesquisador UDB. E-mail: ydferrerf@udistrital.edu.co.



Tal processo se faz evidente na evolução histórica do gênero (do petrarquismo ao concretismo, por exemplo), no realce ou descrédito de algumas características formais (como a musicalidade própria do verso métrico ou acentual diante do prosaísmo da língua coloquial) e das figuras de expressão (como os hermetismos simbolistas ou vanguardistas opostos ao símile e à metáfora convencionais), assim como na mistura da forma lírica com outras linguagens (como a pintura ou as tecnologias digitais) ou com outras intenções comunicativas (a publicidade, a poesia engajada ou de minorias).

A Revista Investigações convidou aos pesquisadores a apresentar artigos relacionados com as diversas manifestações do processo de (des)lirização, o que deu como resultado o dossiê que apresentamos hoje à comunidade acadêmica com o intuito de propiciar novas reflexões sobre o tema. O eixo que articula a maior parte dos textos reunidos é a poesia a partir do modernismo, com seus antecedentes, derivações e rupturas, o que não é estranho se pensarmos que é precisamente nesse momento-movimento que a crise da noção romântica do lirismo se faz mais evidente.

Em *A forma reflexiva na poética moderna: alguns percursos sobre a ironia romântica*, Henrique Barros Ferreira se ocupa de alguns antecedentes do caráter autorreflexivo do sujeito lírico, tais como a noção de parábase da comédia clássica e o conceito de ironia romântica, que culminam na constituição de uma subjetividade crítica e heterogênea própria da poesia moderna. Esses novos parâmetros subjetivos se relacionam diretamente com a noção de impersonalidade presente na segunda metade do século XX, em poéticas como as de Herberto Helder e António Franco Alexandre analisadas por Maria Silva Prado Lessa em *Polvos, aranhas e máquinas líricas: uma metodologia para poetas portugueses difíceis*, em uma perspicaz reflexão pedagógica que parte do processo de leitura da obra dos escritores portugueses e do trabalho acadêmico com estudantes. Ao considerar uma proposta que busca pensar as peças literárias à luz do conceito de poéticas não-humanas, os poemas se transmutam em animais ou máquinas que convidam a uma observação atenta e inovadora. Encontramos os debates em torno à subjetividade também presentes na poesia em língua inglesa, segundo desenvolve Pedro Lucas Nascimento Carneiro em

Poéticas do nihil: traços niilistas em torno do vazio existencial através dos versos de Wallace Stevens, articulando conceitos poético-filosóficos a respeito do Niilismo na poesia do autor estadunidense e na qual observa-se que o lírico, em vez de sucumbir ao desespero niilista, encontra na criação poética meios de superar o vazio existencial.

A crise ou dissolução do sujeito lírico e suas particularidades é tema recorrente nos artigos que tratam de obras escritas por mulheres. Em “*Ou é mesmo verdade. Que nunca me soubeste?*” *Ansiedade de autoria e o sentimento de incomunicabilidade na poesia de Hilda Hilst*, Juliana Moreira de Sousa apresenta uma interessante e inovadora abordagem da obra de Hilst a partir da estética da recepção. Em discussões sobre o “sentimento de desencaixe” entre o processo de escrita e a percepção da obra pelos leitores, desenvolvem-se temas como a incomunicabilidade, a impotência e a frustração, ao colocar sobre a mesa a íntima relação da escritora com sua obra. Por outro lado, com um enfoque dialógico que privilegia as epistemologias afrocêntricas, o conceito de *escrevivência* é a bússola que orienta as reflexões sobre a construção da memória coletiva e o debate ao redor da liricidade em *As linhas contemporâneas na escrevivência de Conceição Evaristo e de Lubi Prates*. O artigo de Marcia Danieli apresenta uma importante abordagem das obras de duas escritoras fundamentais no cenário atual da produção literária de autoras negras na América Latina.

No âmbito dos estudos relacionados à performance, Francine Fernandes Weiss Ricieri propõe em *Tudo veio para partir: notas sobre um livro de Marília Garcia* uma interessantíssima abordagem de “Expedição: nebulosa” (2023), obra de caráter experimental em que o processo de organização rizomática das imagens se faz evidente. Observam-se, ainda, diferentes aspectos performáticos da escrita literária por meio de um trabalho de rastreio e análise do pensamento de Marília Garcia expressado em entrevistas e peças sonoras, nas quais o fluxo poético pode ser percebido a partir diferentes lugares que transcendem a palavra escrita. Também em diálogo com o hibridismo textual, o artigo *Álbum de Pagu: um ritual erótico e sacrificial*, de Raquel Zandomeneghi, representa um relevante resgate da obra da vanguardista brasileira Patrícia Galvão ao centrar-se em um conjunto de poemas e desenhos em que o corpo da mulher é o foco de uma escrita subversiva e ritualística.

Entre outros conceitos, o pensamento antropofágico ressignificado pela arte complexa e revolucionária de Pagu dará o tom dessas reflexões que dialogam com Bataille, Foucault e Cixous.

No processo de questionamento da subjetividade entendida como individualidade, são especialmente relevantes as relações entre poesia e política, tópico central no contexto da América Latina nos meados do século passado, como tratado por Lucas Feitoza Diniz na poesia em língua espanhola em “*Senta-se à mesa e escreve*”: *engajamento e subjetividade na poética de Juan Gelman*. A contextualização na perspectiva da despersonalização, implicada no compromisso político com o objetivo de esclarecer até que ponto a denominada poesia antilírica consegue deslindar o sujeito do texto, é realizada pelo poeta argentino de maneira acertada neste artigo. E nessa mesma linha das relações entre poesia e contexto social, entre subjetividade e coletividade, mas fora do campo da literatura engajada, e no espaço mais próximo do nordeste brasileiro, temos a relevante discussão sobre o popular e o culto desenvolvida por Edmilson Ferreira dos Santos em *Poesia culta ou poesia popular? Da mélica grega à cantoria de repente*, na qual propõe arriscadas comparações que vão de Simônides e Zé Ferreira até Baudelaire e Diaz Vitorino, encontrando mais semelhanças que diferenças, o que permite concluir que a diversidade da criação artística está além de classificações sociológicas e coloca em evidência a pluralidade da linguagem poética.

A deslirização na poesia (pós)moderna se concretiza frequentemente em sua simbiose com intenções além do poético e com outras formas de criação. Exemplo destas últimas são as relações entre poesia e música, especialmente no contexto brasileiro, como são desenvolvidas em *Poesia e música: duetos em clave brasileira* por Peron Pereira Rios. Múltiplos são os caminhos existentes para pensar a dor coletiva e suas manifestações. Sendo assim, no texto, podem ser ouvidos, entre outros gorjeios, o do sabiá de Gonçalves Dias em diálogo com os de Oswald de Andrade, Drummond ou Chico Buarque. Vozes e trinados, com diferentes estratégias literárias, convocam às reflexões sobre o tempo histórico e as problemáticas sociais que se imbricam e adquirirão novas formas nos textos musicais e poéticos. Também George Antônio

Nogueira transita tais diálogos em *Ecos da contemporaneidade: considerações poéticas na canção “Construção”* (1971), de Chico Buarque, ocupando-se das relações intrínsecas entre poesia e canção a partir da noção de entre-lugar, até chegar à proposição do conceito de pós-autonomia como o mais apropriado para este tipo de manifestações da lírica contemporânea. Finalmente, a singular relação entre poesia, religião e filosofia é desenvolvida em *Traducir lo sagrado: una lectura de la poesía de H. A. Murena a la luz de la Sophia Perennis*, do pesquisador espanhol Juan José Gutiérrez Castro, que explicita alguns princípios teóricos e estéticos da produção ensaística do autor argentino e reflete sobre as operações simbólicas manifestas na sua criação poética, a partir da escola filosófica conhecida como ‘sabedoria perene’, e dentro de uma concepção da poesia lírica como uma forma de conhecimento do segredo, do sagrado.

Confiamos que o material apresentado seja de interesse e sirva de base para futuras elaborações sobre aquilo que na sua diversidade ainda se aglutina sob a denominação de poesia lírica. Boa leitura!